

O Político na Encíclica *Spe Salvi*

É preciso que na autocrítica da idade moderna conflua também uma autocrítica do cristianismo moderno.”

BENTO XVI

Depois da virtude teologal da Caridade, Bento XVI deu ao mundo uma Encíclica sobre a esperança, numa incursão sobre os fundamentos do nihi-lismo da actualidade e uma proposta tocante e profundamente humana sobre as razões da esperança cristã. Para explicar o conceito de esperança a que se refere, Bento XVI cita a Carta aos Efésios, onde S. Paulo diz que, antes de conhecerem Cristo, eles “não tinham esperança” porque “estavam sem Deus”.

Que diferença fará, para o mundo, a esperança trazida pelo Deus dos cristãos?

No entender de Bento XVI, “a mensagem cristã não é só “informativa”, mas “performativa”, gera factos e muda a vida. (...) Quem tem esperança vive diversamente; foi-lhe dada uma nova vida.”

Esta “nova vida” permite olhar o presente de outro modo. Ou seja, a esperança cristã altera a visão do presente. Nas palavras do Santo Padre, “somente quando o futuro é certo como realidade positiva é que se torna visível também o presente.”

“(A fé) atrai o futuro para dentro do presente (...). O facto de este futuro existir, muda o presente; o presente é tocado pela realidade futura, e assim as coisas futuras derramam-se naquelas presentes e as presentes nas futuras.”

Os cristãos “pertencem a uma sociedade nova, rumo à qual caminham e que, na sua peregrinação, é antecipada.”

Como se esborou a esperança cristã?

O Papa parte da debilidade da esperança no mundo actual. Bento XVI aponta como raízes importantes para este fenómeno a “fé no progresso” herdada de Francis Bacon e a penetração de duas categorias aliadas ao progresso, razão e liberdade.

Com Francis Bacon “a restauração do “paraíso perdido” já não se espera da fé mas da ligação recém-descoberta entre ciência e prática.”

“A fé é assim deslocada para outro nível, o das coisas privadas, e passa a ser irrelevante para o mundo.” (...) “A esperança passa a ser chamada “fé no progresso”.

Por outro lado, nos conceitos de liberdade e razão “está presente um aspecto totalmente político. O reino da razão, de facto, é aguardado

como a nova condição da humanidade feita totalmente livre. Todavia, as condições políticas deste reino da razão e da liberdade aparecem, à primeira vista, pouco definidas.”

“Razão e liberdade parecem garantir, pela sua intrínseca bondade, uma nova comunidade humana perfeita.”

“Nos dois conceitos-chave de “razão” e “liberdade”, tacitamente o pensamento coloca-se sempre em contraste com os vínculos da fé e da Igreja, como também com os vínculos dos ordenamentos estatais de então. Por isso, ambos os conceitos trazem em si um potencial revolucionário de enorme força explosiva”.

Dois momentos fundamentais são referidos por Bento XVI:

REVOLUÇÃO FRANCESA

“Inicialmente, a Europa do Iluminismo contemplou fascinada estes acontecimentos mas depois teve que reflectir sobre eles.”

O Santo Padre evoca Kant quando este refere que o “reino de Deus” chega onde a “fé eclesiástica” é superada e substituída pela “fé religiosa”, ou seja, pela mera fé racional. Mais tarde, o próprio Kant refere a possibilidade de, a par do fim natural de todas as coisas, se verificar também um fim perverso, contrário à natureza.”

REVOLUÇÃO PROLETÁRIA

“Tendo-se diluída a verdade do além, tratar-se-ia de estabelecer a verdade de aquém. O progresso rumo ao mundo definitivamente bom já não vem simplesmente da ciência, mas da política — de uma política pensada cientificamente, que sabe reconhecer a estrutura da história e da sociedade, indicando assim a estrada da revolução.”

“O erro de Marx foi supor que, com a expropriação da classe dominante, a queda do poder político e a expropriação dos meios de produção, ter-se-ia realizado a Nova Jerusalém.”

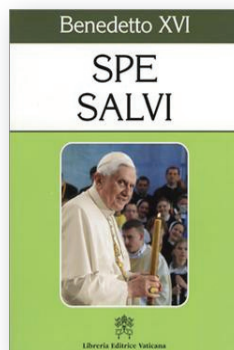
“Marx esqueceu que a liberdade permanece sempre liberdade, inclusive para o mal. O seu verdadeiro erro é o materialismo: de facto, o homem não é só o produto de condições económicas, nem se pode curá-lo apenas do exterior criando condições económicas favoráveis.”

O Papa reitera que Deus, o Deus do rosto humano que nos amou até ao fim, é o fundamento de toda a esperança. E o seu reino não é imaginário: está presente onde Ele é amado e onde o Seu amor nos alcança.

Deixamos aqui apenas um pequeno registo do conteúdo mais político e menos ascético do documento papal.

Mas ao longo dos seus oito capítulos, o Santo Padre expõe as dúvidas e as angústias do século, propondo caminhos, alguns dos quais com uma profunda carga de intimidade.

Com Francis Bacon “a restauração do “paraíso perdido” já não se espera da fé mas da ligação recém-descoberta entre ciência e prática.”



Spe Salvi
Bento XVI
2007